

**MAIS WELICAS SAMARAS E HENDRYAS NICOLES, MENOS MARIAS LUÍAS
E JOÕES PEDROS: OS NOVOS NOMES DUPLOS DO SISTEMA
ANTROPONÍMICO BRASILEIRO**

**Márcia SipaviciusSeide¹
TaianaGrespan²**

RESUMO: Os nomes próprios possuem um vasto campo de pesquisa. O objetivo deste trabalho é apresentar, de forma breve, como ocorre a nomeação no município de Toledo, Paraná, e, principalmente, quais são as novas formações de nomes duplos no sistema antroponímico brasileiro. Para isso, será traçado um breve histórico sobre o surgimento dos nomes duplos e de que forma ele foi introduzido no nosso cotidiano. Para isso, foram analisados 600 nomes, registrados em um período de 60 anos, na cidade de Toledo, Paraná. Como pressupostos teóricos serão utilizados os estudos sobre a linguagem, postulados por Saussure, além das contribuições dos estudos onomásticos.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; Antroponomástica; Nomes duplos.

RESUMEN: Los nombres, aunque poco estudiados en Brasil, tienen un amplio campo de investigación. El objetivo de este trabajo es presentar, brevemente, como ocurre el nombramiento en la ciudad de Toledo, Paraná, y sobre todo cuales son las nuevas formaciones dobles de prenomes en el sistema brasileño antroponímico. Todavía se presentará una breve historia de la aparición de los nombres dobles y la forma en que se introdujo en nuestras vidas diarias. Para esto, se analizaron 600 nombres, registrados durante un período de 60 años, en la ciudad de Toledo, Paraná. Se utilizará como teoría, estudios sobre el lenguaje postulada por Saussure, además de las aportaciones de los estudios onomásticos.

PALABRAS-CLAVE: Léxico; Antroponomástica; Dobles nombres.

Introdução

O nome próprio, por mais pessoal que seja, é a primeira marca que os pais dão aos filhos. Nem sempre ele agrada ao dono, mas, com certeza, é uma das principais formas de identificação de uma pessoa.

No sistema antroponímico brasileiro os nomes seguem um padrão mínimo: prenome + sobrenome paterno. Contudo, muitas vezes, a criança recebe um segundo prenome além do sobrenome materno, vindo este grafado na certidão antes do sobrenome do pai. Alguns nomes, como Maria, Ana, Luiz e João, quase nunca aparecem como único prenome, vindo, na maioria das vezes, acompanhados de um segundo nome.

¹ Doutora pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensus* da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. marciaseda4@hotmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensus* da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, com ênfase Linguagem e sociedade. taiana.grespan@hotmail.com.

Estudar esse tipo de composição de nomes, no Brasil, ainda é uma tarefa difícil, uma vez que em termos de terminologia não há um consenso entre os que pesquisam este objeto. Em outros países, como a França, os prenomes formados por duas bases lexicais são chamados de múltiplos ou de compostos, sendo diferenciados pelo hífen que marca este último. No Brasil, contudo, o que sabemos sobre esses nomes é que há cada vez mais registros de nomes formados por dois prenomes e que as formações não são apenas com os nomes mais tradicionais, tais como Maria e João. Há cada vez mais Jenifer Andressa, Wéllica Samara ou Thiago Kenji. Neste trabalho, optamos por chamar todas as formações com dois prenomes de nomes duplos, sejam elas tradicionais ou neológicas.

Para se chegar a estes resultados, foi analisado um *corpus* constituído por 600 nomes registrados entre 1954 e 2004, todos colhidos no Cartório de Registro Civil, da cidade de Toledo, Paraná.

O trabalho está dividido em quatro partes, sendo a primeira esta introdução. A segunda é uma revisão de literatura, contendo pressupostos desde os estudos sobre a linguagem até trabalhos sobre o sistema de nomeação medieval, este fundamental para a compreensão do surgimento dos nomes duplos na sociedade ocidental contemporânea. Além disso, são apresentados outros trabalhos realizados na área da antroponomástica. Na terceira parte aparecem os dados e a análise dos mesmos. Na última parte do trabalho são apresentadas algumas considerações sobre o mesmo.

Antroponímia: os nomes duplos no decorrer da história

O nome é o primeiro legado que recebemos, às vezes, muito antes de nascer. A Antroponomástica é o ramo da Onomástica que busca avaliar e compreender o nome próprio, seja ele o sobrenome, o prenome ou o apelido. Objetiva também compreender como se dá, ou melhor, quais os fatores que contribuem para que os pais nomeiem seus filhos de uma dada maneira.

Nesse sentido, é importante ressaltar que um estudo antroponomástico busca encontrar, além de muitos outros objetivos, a motivação que leva um determinado indivíduo a nomear os seus filhos. Dentre essas motivações existem as de origem parental, as quais são feitas a partir de nomes já existentes na família, as de caráter religioso, quando se presta uma homenagem a algum santo ou santa do mês e aquelas cuja motivação provém da própria

sociedade, seja para reafirmar a sua ascendência ou simplesmente para aderir a um nome da moda. É importante frisar que o conceito de moda é definido por Franco (2010) como “um fenômeno social de transformação do gosto coletivo com tendência cíclica. O nome pode ser um objeto de moda que se trata de um bem simbólico de caráter obrigatório e gratuito” (FRANCO, 2010, p.246, tradução nossa).

Sobre a origem dos antropônimos, Guérios (1981) nos apresenta três opções. Segundo o autor, a primeira relaciona-se à necessidade de as pessoas serem citadas, a segunda de serem chamadas e a terceira de serem diferenciadas uma das outras. Como prova disso, em uma sala de aula, por exemplo, quando há duas crianças com o mesmo nome, costuma-se chamar uma por algum apelido ou pelo seu sobrenome.

Ainda em relação ao surgimento dos nomes, Guérios nos aponta que “a existência dos antropônimos está documentada em todos os povos, em todas as línguas, em todas as culturas [...] desde os primórdios da humanidade” (GUÉRIOS, 1981, p.34). Na sequência, o autor observa que, quando os nomes surgiram, carregavam consigo um significado “que, em geral, traduzia qualquer realidade condizente com os indivíduos seus portadores” (GUÉRIOS, 1981, p. 34).

[...] as pessoas recebiam apenas um nome, o nome individual, como acontece ainda hoje em diversos agrupamentos humanos. O aparecimento do segundo nome, ou sobrenome, em certos povos verificou-se em tempos relativamente recentes. E o fato assim se explica. O nome de um indivíduo de tal família foi aplicado também a um membro de outra família, ambas da mesma comunidade (GUÉRIOS, 1981, p. 35).

Dessa forma, possuindo apenas um nome, as pessoas passaram a encontrar dificuldades em diferenciar um indivíduo do outro, necessitando de alguns recursos para evitar tal confusão. Geralmente, o indivíduo era chamado de Fulano filho de Beltrano, Fulano da Família tal, Fulano agricultor, Fulano de olhos azuis, etc.(GUÉRIOS, 1981).

Diferentemente do que Guérios nos aponta em relação ao início da utilização dos nomes, hoje o que se nota é um esvaziamento de sentido e uma falta de relação direta entre o nome e o indivíduo. Em seu artigo “As origens dos nomes das pessoas”, Patrícia Carvalhinhos afirma que:

Se hoje as sociedades ocidentais apresentam esse fenômeno do esvaziamento semântico nos nomes próprios de pessoas, nestas mesmas sociedades durante a Antiguidade os nomes não eram atribuídos por tradição ou gosto, mas efetivamente havia um motivo ou uma motivação ao fazê-lo, fosse por atributos físicos ou morais que se quisesse imprimir no indivíduo nomeado,

fosse por devoção ou pela crença que um nome sagrado ou ligado ao sagrado traria sorte ao portador do mesmo. (CARVALHINHOS, 2007, p.3).

Neste trabalho, utilizamos o viés estruturalista da linguagem para a análise dos nomes. Consideramos que tratar o nome como um signo linguístico implica dizer que ele só significa aquele nome por não ser qualquer outro. Dessa forma, quando pronunciamos um nome qualquer ele fará alusão a alguma pessoa que tenha sido nomeada daquela maneira.

Segundo Ilari (2004, *apud* Megale 2012), ao pensar o signo linguístico como sendo a soma de um significante e um significado, não importa a aplicação de signo aos objetos do mundo, mas a maneira como a língua contrasta um signo com todos os demais, ou seja, um signo só existe em oposição a outro. Isto é, para Saussure, o conceito de valor linguístico, em que a relação entre significante e significado deve ser considerada com base no sistema linguístico em que o signo se realiza. A linguística, então, é considerada inerente no sentido em que minimiza a relação língua / mundo.

Sabemos, contudo, que Saussure, no *Curso de Linguística Geral* (1999), assim como já nos atestava Franco (2010), considera o nome próprio como “isolado e não analisável no sistema de signos” (FRANCO, 2010, p. 30, tradução nossa). Débora Hess (1995), ao analisar os antropônimos da população escrava, afirma que da mesma forma como os símbolos linguísticos não existem de maneira isolada, os nomes próprios devem ser considerados como elementos deste sistema. Nós, assim como Franco (2010) e Hess (1995), concebemos o nome próprio como totalmente integrado à língua, principalmente ao tratarmos dos nomes duplos, aqueles formados por mais de uma peça lexical. Isso porque estes, assim como os nomes compostos simples, também são formados por processos de composição e justaposição, podendo ser analisados como qualquer outro elemento linguístico.

Além disso, Hess (1995) nos informa que os antropônimos têm suas origens nos nomes comuns e que, por conta do seu emprego de maneira especializada, a um determinado sujeito, adquiriram características individuais, tornando-se nomes próprios.

Há, porém, uma questão a ser respondida em relação aos nomes próprios e que aqui se torna fundamental: quando formado por duas bases lexicais, deverá ser considerado um nome composto, assim como os nomes comuns?

Na língua portuguesa, as palavras são formadas por meio de dois processos: derivação e composição. No primeiro tem-se uma base (radical) mais afixo/afixos e no segundo há duas bases (radicais) que podem sofrer processo de aglutinação ou justaposição. No primeiro, pode

haver perda de fonemas e acentos devido à união dos dois termos e, no último, ambas as bases conservam suas estruturas. Além disso, uma palavra composta, mesmo possuindo duas bases, adquire um único significado, torna-se autônoma.

Ana Carolina Horta de Souza (2009), pautada nos estudos sobre formação de palavras de Villalva (2000), Alba Valéria Silva (2002) e Cunha e Cintra (2002), comparou a formação de nomes compostos comuns e antropônimos com mais de uma base e concluiu que ambos se comportam da mesma forma.

Apresentando o que postulam Cunha e Cintra (2002), Souza (2009) afirma que a palavra composta possui sempre uma única ideia, apesar de possuir mais de uma base lexical, sendo que, muitas vezes, o seu sentido destoa da noção individual que as palavras significam (SOUZA, 2009, p.131). Contudo, a autora ressalta que o mesmo não ocorre igualmente com os nomes próprios, já que se passou por um processo de esvaziamento de sentido em relação ao significado que o nome possuía antes de ser um nome próprio (SOUZA, 2009, p.131).

Com base nos critérios de um estudo de Villalva (2000), sobre as estruturas de composição (morfológica e sintática), Souza (2009) elaborou um quadro comparativo, a fim de analisar a estrutura de formação de nomes comuns e de antropônimos com mais de uma base. Em relação à composição, Souza (2009) define a morfológica como “um processo de formação de palavras que pode dar origem a uma estrutura de modificação, por adjunção à esquerda, sendo binárias e tendo o núcleo à direita (SOUZA, 2009, p.131), e a sintática como sendo “uma estrutura coordenada por conjunção (adjunção simétrica), em que é possível admitir que todos os radicais coordenados pertencem a uma mesma categoria sintática” (SOUZA, 2009, p.131).

A autora concluiu que os mesmos processos de formação de nomes comuns são utilizados em antropônimos, contudo, fez uma ressalva: no caso dos nomes simples o elemento modificador vem sempre à esquerda do núcleo (luso-descendente, por exemplo) e no caso dos antropônimos isso pode mudar (Ângela Cristina, por exemplo).

Na sequência, Souza (2009) afirma que, no geral, os nomes com mais de uma base lexical apresentam uma combinação formada por determinadas classes gramaticais: S (substantivo) +S / S+A (adjetivo) / A+S / V (verbo) + S / S+V / S+de+S, sendo que essas combinações são válidas, também, para os nomes duplos.

Souza (2009) realizou outra comparação entre nomes comuns compostos e antropônimos duplos com base nos estudos de Alba Valéria Silva (2002). Após a análise,

Souza (2009) concluiu que os nomes duplos se comportam praticamente da mesma forma que os nomes compostos simples. Porém, a autora preferiu chamá-los de nomes duplos e não compostos por alguns motivos:

Primeiro, nada impede que todos os antropônimos de um língua sejam duplos, contudo, não parece ser plausível que todos os nomes comuns de uma língua sejam formados por composição; nem sempre os nomes próprios duplos representam uma idéia única e autônoma. Além disso, não se pode propor que os chamados *nomes próprios duplos* sejam dicionarizados, enquanto os *nomes comuns compostos*, em sua maioria, o são (SOUZA, 2009, p.133, grifos da autora).

Franco (2010), em seu estudo sobre os nomes dos habitantes de Tlanelplanta de Baz, cidade mexicana, utiliza os termos *nomes múltiplos* e *nomes compostos* para designar os prenomes formados por duas peças lexicais, diferenciando os dois. Para a autora, no sistema antroponímico espanhol, não há uma marca gráfica para diferenciar um nome composto de um múltiplo, ao contrário do que ocorre na França, por exemplo. Lá, os nomes compostos são marcados por um hífen (Marie-Louise) e os múltiplos não possuem nenhum sinal de justaposição (Marie Louise) (FRANCO, 2010). No Brasil, assim como no México, os nomes próprios, quando formados por dois prenomes, também não recebem nenhum sinal gráfico para que haja uma distinção.

A despeito da terminologia adotada por Franco, preferimos utilizar o proposto por Souza (2009): os nomes formados por duas peças lexicais serão tratados neste trabalho como nomes duplos. Para fins de esclarecimento terminológico, nas ocorrências de nomes duplos, o primeiro nome será chamado de primeiro prenome e o segundo de segundo prenome. Assim, em um nome como *Nícolas Renan Chaves*, Nícolas é o primeiro prenome, Renan é o segundo prenome e Chaves é o sobrenome.

Apesar de os dados deste trabalho nos indicarem um crescimento de nomes duplos nos anos finais analisados, essa formação composta por dois prenomes tem seus resquícios no período medieval. Irani Sacerdote de Souza Silva (2012) realizou uma pesquisa com nomes coletados em documentos dos séculos XIII, XIV e XV, a fim de verificar a estrutura antroponímica da era medieval. Neste trabalho, Silva traça um histórico do surgimento do sobrenome, como necessidade de diferenciação dos indivíduos dentro e fora dos clãs. De acordo com Santos (2003, *apud* Silva, 2012), na sociedade medieval, surgiu uma necessidade de identificação dentro das comunidades, “diferenciar um indivíduo no seio de uma família ou de alguma pequena localidade não era problemático, todavia identificar esse indivíduo em

comunidades mais vastas exigia formas de denominação mais complexas” (SILVA, 2012, p.34).

Ainda em relação aos nomes na Idade Média, Câmara Jr. (1975) nos informa que no Império Romano as pessoas, para diferenciarem-se umas das outras, recebiam três nomes:

Cada indivíduo se identificava pelo nome de suas *gens*, ou grande grupo consanguíneo a que pertencia, reivindicando com os demais indivíduos do grupo um originário antepassado comum (*gentilicum*, como *Cornelius*, *Tullius*, *Iulius*), pelo nome do grupo familiar menor que se afirmava, dentre muitos, na ampla *gens* (*cognomen*, como *Scipio*, ou *Gracchus*, *Cicero*, *Caesar*) e pelo seu próprio nome individual (*prenomen*, como *Pubius*, *Tiberius*, *Marcus*, *Caius*). Esses termos entravam numa locução obrigatoriamente ordenados – *prenomes*, *gentilicum*, *cognomen*: *Publius Cornelius Scipio* [...] (CÂMARA, 1975, p. 207-208).

No século V, com a queda do Império Romano, a forma de nomeação dos indivíduos utilizada até então caiu em desuso. A partir de então, outras formas de nomeação, principalmente influenciadas pelo cristianismo, passaram a se difundir pela Europa (Silva, 2012). Pode-se dizer, portanto, que os inúmeros nomes compostos por nomes de santos, tais como *Salete*, *Maria*, *João*, etc., têm suas raízes neste período.

Após a apresentação de alguns trabalhos já realizados na área da antroponomástica, incluindo estudos sobre os nomes duplos, além de um breve histórico sobre a origem desses nomes, passaremos agora para a apresentação dos dados do nosso *corpus*.

Os dados

Para a realização deste trabalho, foi utilizado um *corpus* constituído por 600 nomes, todos registrados entre 1954 e 2004, no Cartório de Registro Civil, da cidade de Toledo, Paraná. Os nomes são amostras de seis anos: 1954, 1964, 1974, 1984, 1994 e 2004, sendo 100 nomes de cada um dos respectivos anos. A coleta dos dados ocorreu entre julho e dezembro de 2012. Os nomes foram registrados em fichas, as quais continham o nome do nascido, data de nascimento e de registro, nome dos pais e dos avós paternos e maternos.

Após a coleta, os nomes foram separados por categorias de acordo com a etimologia do sobrenome paterno. Para esta verificação etimológica, foi utilizado o *Dicionário Etimológico de Nomes próprios* (1981), do professor Rosário Mansur Guérios. A escolha pelo sobrenome paterno como definidor de ascendência deu-se pela tradição do sistema

antroponímico brasileiro, em que o sobrenome do pai aparece por último no registro e sempre deve constar, a não ser em casos de paternidade não reconhecida. No Capítulo IV, artigo 55, da Lei nº 6.015 de 31 de dezembro de 1973, consta que “quando o declarante não indicar o nome completo, o oficial lançará adiante do prenome escolhido o nome do pai, e na falta, o da mãe, se forem conhecidos e não o impedir a condição de ilegitimidade, salvo reconhecimento no ato” (BRASIL, Lei nº 6.015 de 31 de dezembro de 1973).

Depois de separados pelas categorias dos sobrenomes, foi analisada a frequência de nomes duplos em cada um dos anos em análise. Na sequência, verificou-se a frequência de nomes duplos entre os sexos, e entre as comunidades encontradas.

Após a coleta de dados ser finalizada, buscou-se encontrar nomes formados por dois prenomes, a fim de verificar se este tipo de formação era comum, também, na cultura de nomeação da cidade de Toledo. Caso fossem encontrados números significativos de nomes duplos, seria comprovado que esse fenômeno é global. Além disso, seria possível cruzar os dados com os de Franco (2010), a fim de verificar se as formações de nomes compostos eram as mesmas tanto aqui no Brasil quanto no México. Entretanto, caso não fossem encontrados dados suficientes ou não significativos, entender-se-ia que a nomeação dupla não faz parte da cultura de nomeação toledense, e por isso não poderia ser considerada um fenômeno global.

O primeiro passo para comprovar a primeira hipótese foi analisar os nomes dos registrados (600 no total). Nessa primeira etapa, comprovou-se que os nomes duplos fazem, sim, parte da cultura de nomeação da cidade de Toledo. Nos nascidos entre 1954 e 2004 encontrou-se um número significativo, principalmente nas última décadas.

A partir desse resultado, levantou-se outra hipótese: os nomes duplos também eram recorrentes entre os pais e avós dos registrados? Como as fichas coletadas traziam os nomes dos pais e avós dos registrados, seria possível, por meio da análise desses nomes, comprovar se tal fenômeno já existia antes de 1954. Se fossem encontrados nomes duplos entre os pais e avós, seria comprovado que esse fenômeno não é recente e faz parte da cultura dos moradores de Toledo.

É válido ressaltar, entretanto, que já dito no capítulo introdutório, houve uma falha de registro por parte do escrivão. Muitas vezes, alguns nomes foram suprimidos, principalmente entre as mulheres. Isso pôde ser comprovado em alguns casos pela ausência do sobrenome feminino, popularmente conhecido como “sobrenome de casa”. Muitos nomes referentes às mães ou avós dos registrados só continham o sobrenome do marido.

Por conta disso, entendeu-se que alguns nomes que continham somente um prenome pudessem ter perdido um possível segundo prenome durante o registro. O motivo real para que isso fosse feito não se sabe, entretanto, os dados comprovam essa situação.

Levando isso em consideração, entendeu-se que se durante a análise dos nomes dos pais e avós dos registrados não fossem encontrados casos de nomes duplos, isso não representaria uma ausência total do fenômeno. Seria comprovada, apenas, uma ausência de registros de nomes com esse tipo de formação.

Entretanto, mesmo com a situação descrita, foi possível encontrar diversos casos de pais e avós dos registrados com nomes duplos, o que comprova a hipótese de que esse fenômeno não é recente.

Com a análise dos dados, averiguou-se qual é a frequência de utilização dos nomes duplos na cidade de Toledo, em que época o fenômeno mais obteve destaque. Além disso, buscou-se verificar quais os nomes que mais apareceram na formação desses nomes duplos.

Após a contagem dos dados, verificou-se que os nomes duplos não apresentaram uma diferença exagerada no decorrer dos anos. Entretanto, houve um crescimento entre 1954 e 2004, que se mostrou significativo para este trabalho. Em 1954, dos 100 registros, 33 (33%) apresentavam nomes duplos. Em 1964, foram encontrados 43 (43%) nomes duplos, sendo que, no ano seguinte, 1974, houve uma queda, sendo registrados apenas 31 (31%). Em 1984, esse número dobrou, representando 62% (62 casos) do total de nomes. Em 1994 e 2004 apareceram 58 (58%) e 69 (69%) nomes duplos, respectivamente.

Considerando o total do *corpus* (600 nomes), foram encontrados 296 registros de nomes duplos, sendo 49,3%. Este número não apresenta disparidade em relação aos nomes com apenas um prenome, uma vez que é praticamente a metade dos registros. Contudo, esses dados ganham maior importância ao serem analisados diacronicamente.

Abaixo segue um gráfico com o crescimento do fenômeno:

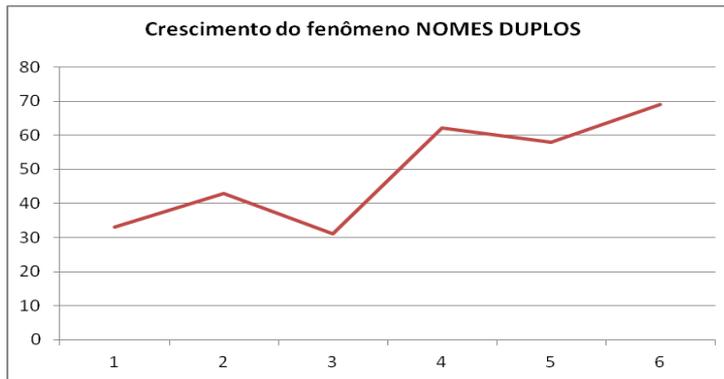


Gráfico 1 – Crescimento do fenômeno

No eixo vertical tem-se a quantidade de registros e no eixo horizontal os números representam as seis décadas analisadas, sendo o número “1” referente ao ano de 1954, o “2” a 1964 e assim sucessivamente. Percebe-se que em relação à primeira década, houve um crescimento de registros com dois prenomes.

Abaixo seguem as tabelas dos anos analisados, com a frequência de nomes duplos em cada uma das comunidades encontradas:

1954 – Famílias com nomes duplos	
Alemães	17
Italianos	8
Luso-brasileiros	2
Não encontrados	6
Total	33

Tabela 1 – Fonte própria

1964 - Famílias com nomes duplos	
Não encontrado	11
Hebraico	2
Alemão	8
Italiano	7
Luso-bresileiro	15
Total	43

Tabela 2– Fonte própria

1974 - Famílias com nomes duplos	
Luso-brasileiro	14
Latim	3
Alemão	5

Italiana	3
Não encontrado	6
Total	31

Tabela 3– Fonte própria

1984 - Famílias com nomes duplos	
Luso-brasileiro	25
Latim	4
Alemão	8
Italiana	9
Não encontrado	12
Francês	1
Grego	1
Hebraico	1
Polonês	1
Total	62

Tabela 4– Fonte própria

1994 - Famílias com nomes duplos	
Alemão	5
Italiano	10
Não identificado	10
Luso-brasileiro	31
Luso-brasileiro e Espanhol	1
Total Geral	58

Tabela 5– Fonte própria

2004 - Famílias com nomes duplos	
Alemão	4
Italiano	4
Latim	5
Não encontrado	19
Luso-brasileiro ³	37
Total Geral	69

Tabela 6– Fonte própria

³ Ter sobrenome português não significa, necessariamente, ter nascido em Portugal. Consideramos aqui apenas o étimo do sobrenome. O fato de o Brasil ter sido colonizado primeiramente pelos portugueses explica o número de sobrenomes luso. Utilizamos a nomenclatura “luso-brasileiro” justamente por indicar que o nascimento ocorreu no Brasil.

Como pode ser observado, nas tabelas acima, nos três primeiros anos, a frequência de nomes duplos é inferior à metade dos registros, ao contrário do que ocorre nos três últimos anos, quando a frequência de nomes duplos se mostra superior à metade dos casos. Há um dado, porém, que precisa ser esclarecido em relação à frequência de nomes duplos nas famílias com sobrenomes luso-portugueses. Os números mostram uma disparidade forte em relação às demais famílias, entretanto, esse número se deve ao crescimento do número de famílias luso-portuguesas a partir de 1974. Neste ano, essas famílias representaram 57% dos registros do *corpus* e, nos anos seguintes, esse número se manteve, chegando a 58% no último ano analisado.

Em relação à frequência de nomes duplos em ambos os sexos, não houve grande disparidade, tanto na comparação diacrônica quanto numa análise sincrônica. Em 1954, dos 33 nomes duplos, 17 eram masculinos e 16 femininos, em 1964, dos 43 casos, 23 eram nomes duplos femininos e 20 masculinos. No ano de 1974, com uma diferença um pouco maior, foram encontrados 18 nomes femininos e apenas 13 masculinos, totalizando os 31 nomes duplos. No ano seguinte, dos 62 nomes, 32 eram femininos e 30 eram masculinos. O ano de maior disparidade foi 1994, sendo que dos 58 casos de nomes duplos, 37 eram masculinos e apenas 21 eram nomes femininos. Em 2004, foram encontrados 37 casos de nomes duplos masculinos e 32 de femininos. No total do *corpus*, dos 296 casos de nomes duplos, 154 eram masculinos e 142 femininos.

Após essa etapa, fizemos um levantamento a fim de verificar a repetição de nomes duplos ou ao menos a repetição do primeiro prenome que forma o nome duplo. Com isso percebeu-se que o nome *Maria* foi o mais utilizado para a formação de nomes duplos femininos, sendo encontradas 13 ocorrências. Desses 13 casos, cinco foram apenas em 2004. Outro dado interessante em relação ao uso do nome *Maria*, é que, em nosso *corpus*, ele não foi usado nenhuma vez como nome simples, vindo sempre acompanhado de um segundo prenome. No primeiro ano analisado foram encontrados três casos de nomes com *Maria*, no segundo mais três e dois no ano seguinte. Em 1984 e 1994, contudo, não houve nenhum registro de nome duplo sendo formado pelo primeiro prenome *Maria*. No último ano, contudo, cinco casos foram registrados, sendo que dois eram *Maria Vitória/Victória*.

Abaixo segue uma tabela com as ocorrências de repetição do primeiro prenome que forma o nome duplo e entre parênteses as combinações encontradas:

	Feminino	Masculino
1954	3 Maria (Maria Natalina, Maria Salete, Maria Tereza)	-
1964	3 Maria (Maria Inez, Maria Jane, Maria Lourdes)	2 Carlos (Carlos Alberto, Carlos Almiro) 3 José (José Nelson, José Roberto, José Pedro)
1974	2 Maria (Maria Izabel, Maria Lucia) 2 Rejane (Rejane Mara, Rejane Maria)	2 Luiz (Luiz Henrique, Luiz Carlos)
1984	2 Adriana/Adriane (Adriana Cristina, Adriane Cristhina) 2 Thais (Thais Regina, Thais Aline)	2 Fábio/Fabio (Fabio Diego, Fábio Rodrigo, Fábio Júnior) 2 Juliano (Juliano Luiz, Juliano Pedro) 2 Rafael/Raphael (Rafael Cristiano, Raphael Gustavo)
1994	-	3 Adriano (Adriano Marcos, Adriano Júnior, Adriano Diego) 2 Felipe/Fellipe (Felipe Augusto, Fellipe Miguel) 2 Fernando (Fernando Henrique, Fernando Henrique) 2 Guilherme (Guilherme Giovane, Guilherme Inácio) 2 João (João Pedro, João Víctor) 2 Marcelo (Marcelo Rodrigo, Marcelo Victor)
2004	2 Ana (Ana Vitória, Ana Clara) 5 Maria (Maria Eduarda, Maria Isabelle, Maria Vitória, Maria Luisa, Maria Eduarda)	2 Carlos (Carlos Eduardo, Carlos Eduardo) 3 Gabriel (Gabriel Henrique, Gabriel Logan, Gabriel Rodrigo) 4 João (João Vitor, João Pedro, João Vitor, João Douglas) 5 Luiz/Luis (Luiz Miguel, Luiz Miguel, Luiz Henrique, Luis Henrique, Luiz Gabriel) 2 Matheus/Mateus (Matheus Filipe, Mateus Henrique) 2 Wellington/Wellyngton (Wellington Fernando, Wellyngton Patrick)

Tabela 7 – Fonte própria

Como pode ser observado, o número de variedades de nomes duplos femininos mostrou-se superior em relação aos masculinos, haja vista a quantidade de prenomes masculinos repetidos. Um dado que chamou a atenção foi em relação às duas ocorrências do nome *Fernando Henrique*, em 1994. Neste ano ocorreu a eleição para presidente da República no Brasil, sendo que *Fernando Henrique* foi o candidato eleito. O nome *Gabriel* apareceu três vezes como primeiro prenome em 2004, sendo que no mesmo ano foi utilizado como segundo prenome em 4 ocorrências.

Como o nome *Maria* foi o recordista como formador de nome duplo entre os registrados das fichas, resolveu-se verificar se essa era uma característica presente também entre os pais e avós desses registrados, uma vez que o nome *Maria* é um nome tradicional. Ser tradicional significa que o nome deve aparecer em todas as gerações. Para comprovar a hipótese, foram analisadas as composições dos nomes duplos dos pais e avós desses nascidos.

Contudo, pela quantia numerosa de nomes, optou-se por considerar apenas as fichas de 1954 e 1964. Um critério de escolha para que apenas essas duas décadas fossem analisadas foi pela geração desses pais e avós. Entendeu-se que os pais dos nascidos em 1954 provavelmente são da geração de 1930 ou 1940, e os avós, por sua vez, nasceram por volta de 1920 ou 1910. Sabe-se, porém, que essas datas não são precisas e, além disso, alguns registros de 1954 datam um nascimento bastante anterior a esse ano. Mesmo assim, foram considerados os nomes desses pais e avós pelo fato desses pertencerem a uma geração anterior à primeira (1954) e, assim, seria possível verificar se o fenômeno também ocorria em décadas anteriores.

No primeiro ano analisado, obteve-se um total de 559 nomes, desconsiderando as fichas com dados repetidos (filhos de uma mesma família) ou nos casos de omissão do nome do pai ou avós. Dentre esses nomes, encontrou-se 79 nomes duplos, um total aproximado de 14% do *corpus*. Como destaque, obteve-se, novamente, o nome *Maria* aparecendo 5 vezes. Em relação aos nomes masculinos, *João* e *José* apareceram em quatro ocorrência cada um, como primeiros prenomes.

Ainda entre os pais e avós dos registrados de 1954, encontrou-se os nomes formadores do segundo prenome que obtiveram destaque: mais uma vez o nome *Maria* esteve em evidência, aparecendo em 7 casos. Entre os nomes masculinos, *Antonio* apareceu em 5 ocorrências e *Guilherme* e *Ludovico* 3 vezes cada um.

O mesmo foi feito com as fichas de 1964, obtendo-se os seguintes resultados: dos 545 nomes analisados, 112 eram duplos (20%), um número mais expressivo do que o da década anterior. Desses 112, 17 tinham *Maria* como o primeiro prenome. Entre os nomes masculinos, 7 eram iniciados por *José*, 5 por *Pedro* e 4 por *João*. Em relação ao segundo prenome, *Maria* apareceu 15 vezes, *Rosa* em 5 ocorrências e *Madalena* em 4. Em relação aos masculinos, *José* foi o mais evidente, aparecendo em 4 casos.

A hipótese sobre a presença do nome *Maria* em todas as gerações foi comprovada. Percebeu-se por meio dessa ampliação do *corpus* que o nome *Maria* destacou-se em todas as décadas, tanto como formador de primeiro prenome quanto de segundo prenome. Outro dado interessante é que esse nome não forma apenas prenomes femininos. No ano de 1954, encontrou-se o pai de um registrado com o nome de *João Maria*.

A partir desses resultados, buscou-se entender o porquê da ocorrência elevada do nome *Maria*. Uma das explicações foi encontrada na obra de Franco (2010).

Franco (2010), em seu trabalho sobre os nomes dos habitantes de Tlanelpantla de Baz, fez um levantamento dos nomes ao longo do século XX e constatou que *María* foi o nome mais encontrado em seu *corpus*. Foram 80 casos, representando 2,6% dos registros, um número alto por conta do vasto *corpus* de 100 anos de registro. Em nosso *corpus*, *Maria* foi o antropônimo mais utilizado para a formação de nomes duplos femininos.

Uma explicação para a alta ocorrência deste nome tanto em nosso *corpus*, quanto na pesquisa realizada por Franco (2010), é que *Maria* é um dos nomes femininos mais tradicionais, por conta de sua origem religiosa. De acordo com Guérios (1981), “Hoje em dia é comum o nome *Maria*, mas seguido de outro, que se explica ou por devoção ou por homenagem a uma pessoa da família [...]” (GUÉRIOS, 1981, p.26). Muitos nomes religiosos são utilizados pelas famílias cristãs como forma de evocação de proteção ou até mesmo para que os portadores dos nomes criem uma certa devoção do santo homenageado (GUÉRIOS, 1981, p.26).

Franco (2010), em seu trabalho sobre os nomes dos habitantes de Tlanelpantla de Baz, fez um levantamento dos nomes ao longo do século XX e constatou que *María* foi o nome mais encontrado em seu *corpus*. Foram 80 casos, representando 2,6% dos registros, um número alto por conta do vasto *corpus* de 100 anos de registro. Em nosso *corpus*, *Maria* foi o antropônimo mais utilizado para a formação de nomes duplos femininos.

Uma explicação para a alta ocorrência deste nome tanto em nosso *corpus*, quanto na pesquisa realizada por Franco (2010), é que *Maria* é um dos nomes femininos mais tradicionais, por conta de sua origem religiosa. De acordo com Guérios (1981), “Hoje em dia é comum o nome *Maria*, mas seguido de outro, que se explica ou por devoção ou por homenagem a uma pessoa da família [...]” (GUÉRIOS, 1981, p.26). Muitos nomes religiosos são utilizados pelas famílias cristãs como forma de evocação de proteção ou até mesmo para que os portadores dos nomes criem uma certa devoção do santo homenageado (GUÉRIOS, 1981, p.26).

Já em relação ao trabalho de Souza (2009) não foi possível estabelecer nenhuma relação entre os resultados obtidos. A autora analisou 3.986 nomes retirados de uma lista de aprovados no vestibular de 2005, da UFBA, todos iniciados com a letra A. Pelo ano em que estavam prestando vestibular, supomos que a maioria dos aprovados tivessem 18 anos, portanto, nascidos no ano de 1988. Souza (2009) encontrou uma grande quantidade (maioria) de nomes duplos formados por *Ana* e *Antônio*. Em relação à mesma década do nosso *corpus* (1984), não foi possível encontrar nenhuma ocorrência de nomes duplos iniciados por *Ana* ou *Antônio*. O que encontramos foram duas ocorrências de nomes duplos formados por *Antônio* sendo o segundo prenome. Contudo, em relação ao nome feminino, nenhum caso foi encontrado, tanto como prenome simples quanto como segundo prenome. A explicação para esse resultado pode ser vista, entre outros motivos, pela quantidade de amostras de nomes. Enquanto Souza (2009) pesquisou 3.986 nomes, nosso *corpus*, considerando a década de 1984, era formado por apenas 100 nomes. Entretanto, há outra ressalva: não se sabe exatamente a data de nascimento dos candidatos, e, portanto, essa comparação foi realizada meramente por fins de equivalência de estudos.

Outro dado interessante do nosso trabalho foi a ocorrência de nomes duplos formados por pelo menos um prenome estrangeiro. Consideramos como estrangeiros os fenômenos de ll, yh, th, dj, ff, nn, além das letras k, y e w, incorporadas no alfabeto nacional apenas em 2012. O crescimento desses nomes foi considerável no último ano analisado, tendo casos com três fenômenos em um único nome (Wellyngton Patrick, por exemplo). Outros casos também foram encontrados, como *Wéllica Samara*, *Hendrya Nicole* ou *Kaio Lenon*, todos registrados em 2004. Apesar de parecerem estranhas, essas novas formações são cada vez mais comuns.

A escolha de prenomes vem se mostrando cada vez mais criativa e diversificada, em prejuízo de critérios religiosos, de homenagens e, até mesmo de eufonia. Esse fato demonstra crescente individualismo do

brasileiro, e, ao mesmo tempo, uma ilusão de que, adotando-se um nome "americano" o nomeado será transportado, ao menos ideologicamente, ao "american way of life" (MEXIAS-SIMON, 2010, p. 114, *apud* LIRA e HOSOKAWA, 2012, p.47).

De acordo com Megale (2012),

No Brasil, observa-se a adoção indiscriminada de nomes próprios em inglês, sobretudo, mas não exclusivamente, nos baixos estratos sociais. João, Manuel, Maria e Severina parecem estar sendo substituídos por Magaiver, Kelly, Marilyn e Kennedy. Não se pode esquecer também dos nomes que não são, mas parecem ter origem estrangeira por conta da ortografia adotada, como por exemplo, Christiany, Thatyana, Karla e Edwardo. Há ainda nomes próprios de origem estrangeira que são adaptados à ortografia do português, tais como Taison, de Tyson, e Uilson, de Wilson. Esse fenômeno pode ocorrer devido ao fato de que, na legislação brasileira, só há dois impedimentos na escolha de nomes próprios: serem ridículos ou imorais, não sendo proibido ao pai registrar seu filho com a ortografia que lhe pareça mais conveniente. (MEGALE, 2012, p. 16-17)

A autora ainda afirma que esse fenômeno de *americanismo* pode ser explicado por um desejo de mudança de realidade dos filhos, sendo um “desejo de mudança do *status quo*. Nessa direção, denota-se o desejo de que os filhos tenham chances diferentes na vida, se comparadas com as de seus pais, oriundos, na maioria das vezes, de classes desprivilegiadas” (MEGALE, 2012, p.17). Em alguns casos, porém, há uma tentativa de aproximação com outra língua. Observa-se, nesses casos, uma reinvenção da língua inglesa, que se estende dos nomes dos estabelecimentos aos nomes próprios adotados.

Isso prova que o nome próprio, apesar de possuir regras morfológicas e ter suas raízes nos nomes simples, traz marcas pessoais muito mais dos pais do que do próprio nomeado. Assim como no período medieval, é por meio do nome dos filhos que os pais deixam seus maiores legados.

Considerações finais

A partir deste estudo, foi possível entender que o nome próprio faz parte do sistema linguístico assim como os demais signos. Além disso, o processo de composição dos antropônimos duplos é o mesmo que ocorre com os nomes simples compostos.

Por meio da análise dos dados, descobriu-se que na cidade em que os dados foram coletados, o número de registros de nomes duplos é praticamente o mesmo que o de nomes

com apenas um prenome. Contudo, em uma análise diacrônica, percebeu-se que cada vez mais há registros de crianças com dois prenomes. E este, a partir da revisão de literatura, não é um fenômeno local, uma vez que já foi objeto de estudo em outros momentos e em outras localidades.

Em relação aos nomes duplos, percebeu-se que, na cidade de Toledo, há cada vez mais a procura por combinações neológicas, aquelas formadas sem a utilização de nomes considerados comuns para esse tipo de formação, tais como *Maria*, *João* ou *Ana*. Há cada vez mais *Wélicas Samaras* e *Hendryas Nicoles*, e menos *Marias Luíças* e *Joões Pedros* nos registros, nomes nada tradicionais e com grafias estrangeiras. Houve sim um registro significativo de prenomes duplos com um formador tradicional, tanto que, em alguns anos, houve grande número de ocorrência dos mesmos. Porém, o que se mostrou evidente, foi a quantidade de nomes duplos, não repetidos, formados por nomes neológicos.

Em comparação com outros estudos, como o de Franco (2010), o prenome *Maria* mostrou-se bastante comum em ambos os trabalhos, principalmente na formação de nomes duplos.

Como se trata de um trabalho breve, temos consciência de que muitas outras informações poderiam ter sido exploradas. Além disso, outros dados e fenômenos poderiam ter sido extraídos do *corpus*, dada a riqueza do mesmo. Contudo, optamos por focar apenas o fenômeno dos nomes duplos pelo fato de este fazer cada vez mais parte do nosso sistema antroponímico.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973.
- CAMARA JR, J. Mattoso. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *As origens dos nomes das pessoas*. 2007. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686> > Acesso em 20/01/2013.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2ª.Ed. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1981.
- LIRA, Michely de Souza; HOSOKAWA, Antonieta Buriti de Souza. A influência norte-americana nos nomes próprios de alunos de escolas públicas de ensino médio da rede estadual de ensino do município de Rio Branco – Acre. *Revista Philologus*, Suplemento: Anais da VII JNLFLP. Rio de Janeiro, Ano 18, N° 54, CiFEFiL, 2012.

MEGALE, Antonieta Heyden. O impróprio do nome próprio na Roliúde brasileira. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. Nilópolis, v.3, Número 3, Set. -Dez. 2012.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SILVA, Irani Sacerdote de Souza. Antroponímia portuguesa: um breve estudo acerca dos sobrenomes no período medieval. *VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*. Guarapuava, Paraná, volume 04, Ed. 01, dezembro de 2012.

Souza, Ana Carolina Horta. A recorrência de Anas e de Antônios na formação dos nomes duplos na antroponímia baiana. In: Kebson Oliveira, Hirão F. Cunha e Souza, Luís Gomes, Orgs. *Novos tons de Rosa*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 129-141.196 p.

Artigo recebido em junho de 2013.
Artigo aceito em setembro de 2013.